

Intelectuais no *Caderno de Sábado*: confluências de trajetórias no suplemento cultural do *Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1981)¹

Everton CARDOSO²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Cida GOLIN³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Os suplementos culturais dos jornais diários são publicações que, especializadas, têm participado das trajetórias de intelectuais, ou seja, criadores, distribuidores e aplicadores de cultura cuja posição social está marcada pelo domínio da palavra. Este artigo discute o perfil predominante de intelectual que ganhou maior relevância no *Caderno de Sábado* – publicado semanalmente pelo jornal *Correio do Povo* entre 1967 e 1981. O material coletado a partir da análise de conteúdo dos textos dos dez autores mais presentes na coleção permite perceber o quanto o suplemento angariava prestígio ao se ligar a sujeitos consagrados com trânsito por esferas de poder, escritores reconhecidos e com visibilidade, integrantes de movimentos e projetos culturais, homens de imprensa de diferentes perfis, acadêmicos e mediadores. Vê-se, assim, um movimento para atrair para a atenção de um público mais restrito e se posicionar como lugar de formação de leitores.

Palavras-chave: Jornalismo cultural; Suplemento cultural; *Caderno de Sábado* (Porto Alegre, RS); Intelectuais; Trajetórias.

1 Introdução

As publicações culturais podem ser tomadas como símbolos das sensibilidades e das expectativas de uma determinada época. Dentro do espectro de veículos desse gênero, destacam-se os suplementos semanais de cultura editados pelos jornais diários. Ao serem pensados para um ciclo de produção e consumo mais espaçado que aquele das publicações que os abrigam, possuem um caráter suplementar. Está associada a eles uma ideia de distinção que provém da especialização e do aprofundamento de temas considerados socialmente prestigiosos – como a literatura, as artes e o conhecimento ligado às humanidades – por meio de textos mais longos. Essa imagem, ainda, é reforçada pelo fato

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.

² Jornalista (SECOM/UFRGS); professor do curso de Jornalismo da Unisinos. E-mail: cardoso.everton@hotmail.com

³ Professora dos cursos de Jornalismo e de Museologia da UFRGS; professora do PPGCOM/UFRGS; pesquisadora CNPq. E-mail: golin.costa@ufrgs.br

de, em sua maioria, os autores de textos literários, artigos e ensaios publicados possuem um tipo de capital simbólico que advém de outros campos – sobretudo o da produção cultural e intelectual. Por essas características, esses encartes historicamente reuniram grupos intelectuais brasileiros e serviram para que esses sujeitos letrados pudessem, por meio da atuação na imprensa, fazer circular sua produção literária e suas ideias.

Com essa dinâmica e desempenhando esse papel, o *Caderno de Sábado* foi veiculado semanalmente pelo jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, entre 30 de setembro de 1967 e 10 de janeiro de 1981. Projeto antigo dentro da Companhia Jornalística Caldas Júnior, foi posto em prática em poucos dias, a partir de uma decisão repentina do diretor do jornal, Breno Caldas (GASTAL, 1996). Os editores responsáveis pela iniciativa e por sua execução foram dois experientes jornalistas da área cultural: P. F. Gastal – um homem de cinema, crítico e alinhado a uma ideia de cultura voltada para a elevação do espírito – e Oswaldo Goidanich – ligado à promoção do turismo, às artes visuais e à organização de instituições culturais. Pela reputação que possuíam e pela importância do jornal a que estavam vinculados, atraíram e fizeram orbitar ao redor de seu projeto um conjunto de intelectuais de perfis bastante diversos.

Ali, esses homens e mulheres de cultura – alguns consagrados, outros em processo de reconhecimento –, ao mesmo tempo em que se engajavam num projeto editorial marcado pela formação cultural do leitor por meio das letras, artes e ciências, participavam de uma dinâmica que, simultaneamente, associava suas imagens ao suplemento e também lhes rendia notoriedade. Eram, nesse espaço, nomeados e tinham seus perfis públicos construídos; eram, pois, reconhecidos e hierarquizados. Nesse sentido, o *Caderno de Sábado* representa uma espécie de inventário, de registro detalhado do legado do pensamento de uma geração de intelectuais no contexto sulino e mesmo brasileiro – seja pelo que eles mesmos pensavam, seja pelas reflexões que propunham a respeito das ideias de outrem.

Tendo esse contexto em vista, este artigo discute o perfil predominante de intelectual que ganhou maior relevância no *Caderno de Sábado*. Para tal, parte-se do material coletado para a tese de doutoramento intitulada *O suplemento cultural como rede de relações: os intelectuais no Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo (Porto*

Alegre, 1967-1981)⁴. A fim de determinar um recorte que serviu de referência para aquele estudo, realizou-se o mapeamento dos autores dos textos publicados ao longo do período de circulação do suplemento, entre 1967 e 1981. Chegou-se a um total de 11.144 textos presentes num total de 646 edições⁵. Elaborou-se, então, uma lista dos dez autores mais frequentes. Mesmo que o número seja reduzido diante do conjunto de nomes presente na íntegra da coleção – o total aproxima-se de 2.000 –, esse grupo representa uma percentagem significativa do conteúdo publicado no suplemento: perfaz 27,2% do total veiculado pelo *Caderno*, ou seja, 3.029 textos. Produções literárias, artigos e ensaios selecionados foram tomados como unidades de registro para Análise de Conteúdo e foram categorizados a partir de tipos de texto, temas e referências temporais e geográficas.

2 Apontamentos para uma noção de intelectual

Os indivíduos conhecidos como ‘intelectuais’ estão situados numa posição dominada do campo de poder – já que normalmente subjugados a poderes como o político e o econômico. Detentores de saberes específicos associados a uma alta posição na hierarquia social, têm historicamente sido recrutados a partir de grupos de criadores, distribuidores e aplicadores de cultura – além daqueles que, ainda em formação, constituem potenciais integrantes da categoria (LIPSET, 1959). Ligados, de forma geral, às produções artísticas, científicas e religiosas, posicionam-se como organizadores da cultura (GRAMSCI, 1998) e, por isso, consistem, na trama social, em vetores que as direcionam e impulsionam. Como o domínio da palavra e da escrita é uma condição fundamental para o exercício de sua posição de poder (BOBBIO, 1997; WILLIAMS, 2000), têm encontrado na imprensa uma possibilidade de posicionamento como sujeitos de destaque no processo de circulação de saberes. O jornalismo, portanto, integra o conjunto de aparatos de comunicação que participam da dinâmica do campo intelectual: são mecanismos, tecnologias e processos que organizam as práticas dos letrados e, assim, transformam as ocupações dos intelectuais, os modos de competir por prestígio e posição e mesmo a relação desses sujeitos com o restante da sociedade (BRUNNER; FLISFISCH, 1983). Ao figurarem nos espaços concedidos pela

⁴ Trabalho defendido em abril de 2016 no âmbito do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS).

⁵ A coleção completa do *Caderno de Sábado* está disponível em alguns poucos acervos de acesso gratuito em Porto Alegre: Arquivo Histórico Municipal, Museu de Arte do Rio Grande do Sul e Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa. O do jornal *Correio do Povo* tem acesso pago.

prática jornalística, os intelectuais ocupam um lugar decorrente da posse de conhecimento e da voz reverberada e tida como legítima; é, pois, o domínio do código que lhes serve de elemento distintivo e se configura em estratégia com vistas à ocupação dessas posições.

As trajetórias dos indivíduos socialmente conhecidos como intelectuais são essenciais para se entender mais claramente de que forma esses processos internos do campo constroem a identidade que lhes é conferida: esses itinerários constituem e são constituídos pelas posições ocupadas por esses agentes na estrutura que ajudam a formar e na qual estão inseridos. Ainda que sejam caminhos complexos, bastante individuais e marcados por escolhas nem sempre muito claras, permitem entrever campos magnéticos que, historicamente, têm atraído os intelectuais e feito com que surjam agrupamentos em dados períodos. Cruzam-se, assim, aspectos que permitem produzir inferências sobre as ideias dominantes e as dinâmicas da intelectualidade em determinado tempo e lugar. Realçam-se, assim, os processos de recrutamento, reconhecimento e estratificação que constituem o campo intelectual – este organizado ao redor de um tipo bastante específico de capital social e marcado por posicionamentos estratégicos dos diversos agentes (SIRINELLI, 1986; 1988; 1998; 2003).

No contexto brasileiro, a intelectualidade começou a se configurar no século XIX e só foi se estabelecer mais tarde, quando tem início o processo de organização de um campo cultural. Se inicialmente tinham sido os detentores de uma cultura meramente ornamental, nas primeiras décadas de 1900 passaram a ocupar posições nas universidades e no campo acadêmico que então se organizou, no Estado, no jornalismo, nos partidos políticos e em outras instituições que lhes permitiram não só desenvolver atividades intelectuais, mas também fazer ressoar suas ideias. Além disso, passaram a atuar no ainda incipiente mercado editorial – tanto no plano da gestão empresarial quanto da produção literária em si – e foram responsáveis por movimentos artísticos e literários e suas respectivas publicações – caso, por exemplo, dos diversos agrupamentos modernistas que se alastraram pelo país (MICELI, 2001; PÉCAUT, 1990).

3 Os suplementos semanais como polos magnéticos

Nos anos 1950, quando modificações na imprensa brasileira tornaram o trabalho jornalístico mais especializado, o espaço dado à produção literária e cultural nos jornais

tornou-se mais restrito. Foi nesse contexto que a intelectualidade buscou refúgio nos suplementos culturais – empreendimentos intelectuais coletivos que representavam possibilidades de visibilidade e consagração. Essencialmente, os suplementos surgidos seguindo o paradigma estabelecido nessa época estiveram divididos em dois grupos: aqueles com caráter mais informativo, mais voltados para eventos e acontecimentos do campo da produção cultural; e os que enfocavam a divulgação de ideias, alguns com foco voltado para o canônico, outros para o inovador (ABREU, 1996). Esse modelo, porém, se modificou a partir de meados da década de 1960, quando a maioria das publicações do gênero passou a almejar uma diminuição da distância entre o jornalismo de cultura e a maior parte do público médio. Aos poucos, foram incorporando a lógica do mercado de produtos culturais e voltaram-se mais para a dinâmica dos lançamentos que para a reflexão. Em Porto Alegre, no entanto, o movimento foi outro: foram lançados, em 1967, dois suplementos que correspondiam ao ideal vigente no país na década anterior e que se constituíram em “arquivos” que se contrapunham à efemeridade característica do fazer jornalístico: o quinzenal *Caderno de Cultura*, criado em abril pelo jovem e popular *Zero Hora*; e o semanal *Caderno de Sábado*, lançado em setembro pelo tradicional e hegemônico *Correio do Povo* (GOLIN *et al.*, 2013).

Como, naquele momento, o *Correio do Povo* era um jornal que acumulava mais de 70 anos de trajetória e se pretendia referencial no contexto brasileiro, a escolha por veicular um suplemento cinco meses depois de seu jovem concorrente parece uma estratégia para alinhar-se a seus pares do centro do país: entre os principais diários brasileiros, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil* já editavam encartes do gênero desde 1956. Além disso, o suplemento *Minas Gerais* já circulava havia um ano. O jornal porto-alegrense, então, criava aquele que seria um dos quatro principais suplementos semanais de cultura do país nos anos seguintes e, assim, também se diferenciava de seu concorrente local ao adotar e levar adiante o projeto⁶.

O contexto do final dos anos 1960 e da década seguinte já era marcado por um processo de organização e institucionalização da produção cultural na capital gaúcha, seja em instâncias estatais, no campo acadêmico ou mesmo sob a forma de organizações e associações independentes. O *Caderno de Sábado* se insere na história da intelectualidade

⁶ O *Caderno de Cultura*, nessa fase, durou até abril de 1970; somente em outubro de 1981 *ZH* voltou a contar com um encarte do gênero.

sul-rio-grandense como o lugar de reunião dessa elite cultural durante a década de 1970. Ainda que a associação desses agentes em projetos editoriais não fosse nenhuma novidade em Porto Alegre,⁷ a experiência do suplemento do *Correio do Povo* emerge com destaque tanto pela sua longevidade quanto pela sua repercussão. O *Caderno de Sábado* integrou uma rede de agentes e instituições que transcendia o Rio Grande do Sul. Ganha importância, então, o fato de a publicação estar ligada a um jornal de posição dominante e de ter sido idealizada e executada por jornalistas já de renome e com trânsito pelas esferas intelectuais.

4 Nomes consagrados e atração de prestígio

A partir da análise dos dez intelectuais escolhidos para compor o *corpus* de análise deste trabalho, é possível perceber o quanto, de dentro do conjunto, emergem alguns traços que aproximam as trajetórias desses sujeitos e, nesse sentido, consistem em nós na rede de relações estabelecida entre eles – em alguns casos já desde décadas anteriores. Primeiramente, é importante destacar os perfis dos editores da publicação – P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich: típicos homens de imprensa daquele período, exerceram dentro da Caldas Júnior diferentes posições na cadeia produtiva do jornalismo e, por isso, já tinham prestígio nesse contexto no momento em que iniciaram o novo projeto. Ainda, por suas frequentes e marcantes participações em eventos e instituições do campo da produção cultural da cidade – inclusive em parceria, em alguns casos –, já possuíam trânsito que lhes assegurava uma posição também de destaque ante a intelectualidade. Reuniram, ao redor do projeto, um grupo de participantes ativos e notórios desse processo. Em se tratando dessa ideia, Guilhermino Cesar (1908-1993) e Moysés Vellinho (1902-1980) são nomes centrais e que, dentro da coleção do suplemento, merecem destaque. Ambos foram atuantes na cena porto-alegrense e carregavam traços dos intelectuais tipificados nas primeiras décadas do século XX no Brasil: escreviam sobre assuntos diversos e estavam presentes na imprensa. Acumulavam, também, elementos da intelectualidade inserida em posições de poder na esfera estatal – foram membros do Tribunal de Contas do RS – e detentora de capital

⁷ Exemplo, nesse sentido, foi a revista trimestral *Província de São Pedro* (1945-1957) da Editora Globo. Circulava em âmbito nacional reunindo nomes expressivos da intelectualidade brasileira. A Livraria do Globo, na primeira metade do século XX, alcançou projeção nacional e internacional. Até 1947, sua atividade editorial de traduções, organização de coleções e de produção de enciclopédias foi incessante (TORRESINI, 2010). Chancelava também o influente quinzenário *Revista do Globo* (1929-1967), que encerrou sua circulação justamente no ano do aparecimento do *Caderno de Sábado*.

cultural institucionalizado⁸ – eram bacharéis em Direito e mais tarde receberam títulos de doutor *honoris causa*⁹.

Organizadores da cultura em Porto Alegre, Cesar e Vellinho atuaram nos processos de institucionalização da produção local: enquanto o primeiro esteve ligado à academia como docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o segundo foi fundador e gestor de entidades como a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e a Aliança Francesa local. Alcançaram relevância também ao participarem da recuperação da memória sul-riograndense em literatura e história. Exemplo disso é o fato de terem estado ligados à revista *Província de São Pedro* (1945-1957), empreendimento editorial da então poderosa Livraria do Globo, de terem integrado o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e de terem publicado livros referenciais na recuperação e no registro da história da literatura sulina¹⁰.

Cesar, mesmo que não seja o autor com o maior número de textos publicados no suplemento, é o colaborador mais constante no decorrer do período e o que mais vezes recebe destaque nas epígrafes das capas das edições¹¹. Na maior parte das vezes em que teve textos publicados, ocupou a página 3, que se transformou em sua página-coluna; seu trabalho ganhava relevância, com frequência, com a publicação de séries de textos em números consecutivos. Moysés Vellinho, por sua vez, teve uma participação mais intermitente durante o período de circulação do *Caderno de Sábado* e não teve um espaço fixo. Pode-se dizer que, essencialmente, teve um pico de participação entre 1968 e 1973, época em que atuou de maneira mais presente em diversas instituições culturais porto-alegrenses. Sua presença ganhou destaque com uma série de narrativas da viagem que posteriormente foram reunidas no livro *Recortes do velho mundo*, de 1970. Ambos os autores tratavam primordialmente de temáticas referentes a literatura e história – com foco nos assuntos brasileiros – e foram homenageados com edições especiais sobre suas vidas e

⁸ Em seu estado incorporado, o capital cultural é fruto do trabalho do sujeito sobre si mesmo, um *habitus* que não pode ser transmitido. Já em estado objetivado, diz respeito a suportes materiais transmissíveis (escritos, pinturas, monumentos). Quando em estado institucionalizado, materializa-se no diploma, como certidão de competência cultural que confere valor convencional, constante e válido juridicamente (BOURDIEU, 1979).

⁹ Cesar recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra em 1964, depois de ter atuado naquela instituição como docente visitante; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul concedeu a mesma honraria a Vellinho em 1979.

¹⁰ De autoria de Cesar, pode-se destacar *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737 - 1902)*, cuja primeira edição é de 1956; de Vellinho, *Letras da Província*, de 1944. Ambas obras integraram a histórica *Coleção Província*, da Editora Globo – série que reuniu mais de duas dezenas de obras importantes para a história e a literatura do Rio Grande do Sul.

¹¹ No cabeçalho da capa do *Caderno*, havia sempre uma epígrafe destacando um trecho de algum dos textos da edição.

obras – Cesar em maio de 1978, quando completou 70 anos, e Vellinho em janeiro de 1979, sem que houvesse uma efeméride específica.

Se, como membros de diversos grupos, levavam consigo um capital simbólico importante para os projetos que encampavam, no suplemento mobilizaram esse mesmo poder ao redor de suas assinaturas. Sintetizam, pois, o perfil de homens de letras que, por terem sólidas carreiras como mediadores e peritos, garantiram recrutamento para figurarem no *Caderno de Sábado* e para darem prestígio à publicação. Assim como o suplemento, posicionavam-se como organizadores do pensamento sulino em suas áreas de expertise: participavam, assim, de um intrincado sistema de reconhecimento endógeno e exógeno.

O predomínio de nomes já consagrados, nas páginas do *Caderno de Sábado*, também se evidencia pelas presenças de Mario Quintana (1906-1994) e Clarice Lispector (1925-1977) – na década de 1960 já autores de destaque e circulação nacional. Ainda que com trajetórias diferentes – sobretudo marcadas pelas histórias de vida e pelos contextos e lugares pelos quais passaram – tinham uma relação bastante afetiva com seus públicos: ela, a partir do Rio de Janeiro e de diversos veículos de abrangência nacional; ele, a partir de Porto Alegre e essencialmente no *Correio do Povo*, ainda que tivesse já publicado em outros periódicos. Eram, assim, ao mesmo tempo, conhecidos e reconhecidos. No encarte, aliás, tal era a aproximação entre eles pelo projeto editorial que dividiram a página 2 durante a maior parte do período em que Lispector teve textos publicados¹².

O poeta e a cronista recebem destaque nas escolhas editoriais: são, respectivamente, primeiro e sexto autores com mais textos no *corpus*; na lista dos que mais têm textos destacados como epígrafes aparecem em terceiro e quarto lugar; foram temas de textos de outros autores nove e seis vezes. Quando completou 70 anos, em 1976, Quintana foi homenageado com um caderno especial; já Lispector teve um texto seu selecionado para a capa de primeira edição do suplemento – o que denota uma tentativa de associar o CS já desde seu princípio a uma das escritoras em maior evidência no Brasil naquele momento.

Quintana tivera uma trajetória bastante frequente para os escritores da primeira metade do século XX no Brasil: o trabalho jornalístico permitia que jovens sem diploma ou renda pudessem viver do próprio trabalho intelectual e angariassem notoriedade e dinheiro;

¹² O período coincide com a época em que Clarice Lispector atuou no *Jornal do Brasil*, entre agosto de 1967 e dezembro de 1973. O *Correio do Povo* era assinante da Agência JB, pertencente ao periódico carioca, e por isso os textos da escritora eram incluídos no pacote.

impedia, entretanto, a dedicação total à literatura (COSTA, 2005). Por ter sido presença ilustre em diferentes momentos de reunião da intelectualidade sulina, aproxima-se, mesmo que sem um papel de liderança propriamente dita, da figura do organizador da cultura. Ainda, a ligação com o grupo da Livraria do Globo – onde atuara como tradutor de importantes obras da literatura mundial – o posiciona em lugar alinhado a um conjunto de produtores já consagrados e aos quais se vinculou ao traduzi-los para o português. Nesse sentido, é um perito cuja relação com o periódico põe em negociação um capital que é potencializado pelo perfil acessível do poeta e pela a popularidade que esse traço lhe trouxe. Atraiu para o suplemento, então, a atenção de leitores de diversas camadas e grupos sociais, principalmente porque esse era um momento histórico em que a poesia e os seus autores tinham espaço de destaque na imprensa e na sociedade.

Lispector, por sua vez, possuía formação em Direito, mas havia anos atuava em diversos veículos jornalísticos de alcance nacional – ficou bastante conhecida por suas entrevistas, crônicas e artigos. É a única mulher no grupo dos dez autores mais frequentes do *Caderno de Sábado*. Num cenário de domínio quase absoluto de autores masculinos, é interessante perceber que uma escritora estrangeira, residente num importante polo cultural do país tem presença cativa no suplemento sulino. Ainda que provavelmente não fosse um objetivo da cronista, esse espaço acabou por representar uma possibilidade de angariar notoriedade e reconhecimento num estado distante daquele em que atuava.

Com a presença desses sujeitos, então, é como se, semanalmente, estivesse presente no *Caderno de Sábado* uma parte do que de melhor se produzia em termos literários no Brasil naquele período. Analogamente, era como se o espaço jornalístico se abrisse para uma espécie de ‘ao vivo’ da literatura e que, depois, passado o tempo, se tornou documento histórico. A presença desses criadores, pois, é uma forma de mobilizar energia simbólica para afirmar-se como publicação detentora de uma posição prestigiosa no contexto local e nacional.

5 Relação com os portadores e os atores da memória

Da mesma forma, a participação do jornalista, poeta e tratrólogo Paulo de Gouvêa (1901-1988) representa essa ideia de uma produção em progresso, ainda que fragmentada em uma série de textos, nas páginas do suplemento. Participante de agrupamentos de intelectuais do começo do século – sobretudo os modernistas – e inserido em diversas

entidades de reconhecimento e congregação de intelectuais e profissionais, registrou parte significativa de suas lembranças e impressões, ou seja, ao mesmo em tempo que construía a memória ao redor daquele período de efervescência literária e cultural, construía sua própria imagem¹³. Com uma produção de textos que tratam essencialmente de literatura, é o segundo autor com maior número de epígrafes nas capas das edições, o que também deixa transparecer o quanto era, para os editores, um sujeito prestigioso. Também é indício dessa posição o fato de, na maior parte de suas aparições, ocupar a página 5. No entanto, mesmo pertencendo à geração mais velha e sendo um veterano no jornalismo, também não recebeu homenagem em edição especial e nem foi tema de textos. O espaço por ele ocupado no *Caderno* consiste, pois, em um típico caso de autoconstrução pública do intelectual por meio da palavra escrita. O suplemento do *Correio do Povo*, assim, posiciona-se como o espaço para essa construção e, ao participar do registro da história local, nela se insere.

De uma maneira diferente, mas também vinculada à memória da cidade, pode-se dizer que Herbert Caro (1906-1991) – assim como Mario Quintana, Guilhermino Cesar e Moysés Vellinho – trazia, por sua trajetória, a prestigiosa ligação com a Editora Globo. Imigrante alemão que chegou a Porto Alegre em 1935, Caro se configurou como intelectual diletante¹⁴: apesar de já possuir um alto capital cultural sob as formas incorporada e institucionalizada – doutorou-se em Direito em sua Alemanha natal –, atuou no comércio e depois foi tradutor, dicionarista e pesquisador. Para a imprensa sulina, escreveu sobre literatura, artes visuais e música erudita. Foi, portanto, um mediador cultural importante na vida da cidade, mesmo que sem um posto acadêmico ou oficial que o estabelecesse como tal. No *Caderno de Sábado*, desde a primeira edição, manteve a coluna *Os melhores discos clássicos* – o que o coloca como o terceiro autor que mais publicou no período de circulação do suplemento.

Tratava, sobretudo, da produção musical já plenamente consagrada – europeia e de séculos anteriores –, o que denota uma intenção de atrair para si – e por extensão para o *Caderno* – o prestígio desse tipo de música e dos compositores. Imprimia na sua atividade

¹³ Exemplo disso é a série de 49 textos publicados entre 1973 e 1975 sob a cartola *Memórias de uma geração* e que foi depois reunida no livro intitulado *O Grupo: outras figuras, outras paisagens*, de 1976.

¹⁴ Em seu sentido mais literal, o vocábulo ‘diletante’ diz respeito a alguém que é aficionado por música; por extensão de sentido, refere-se a amantes das artes e da literatura ou a quem as pratique não como meio de vida, mas apenas por prazer. Carrega, pois, a ideia de amadorismo, não no sentido qualitativo, mas em oposição ao exercício de uma atividade como forma prioritária de obter retorno financeiro.

uma típica estratégia de colunista cronista, não raro aproximando a música erudita do cotidiano e da memória local. Trata-se de um perfil de intelectual analítico, não necessariamente atuante como organizador da cultura em cargos de gestão.

Também a presença de Paulo Hecker Filho (1926-2005) ligava o suplemento a uma experiência histórica, a do Grupo Quixote – coletivo de poetas e escritores ligado à Faculdade de Direito da UFRGS e que teve Guilhermino Cesar como mentor intelectual. Ao estabelecer essa relação, o suplemento acabava por trazer em suas páginas dois momentos dos anseios modernistas brasileiros: um fundador, representado por Cesar, integrante do Grupo Verde, de Minas Gerais, que atuara na década de 1920; e um seguidor, representado por Hecker Filho, mais jovem e integrante do grupo sulino que teve sua gênese nos anos 1950.

Contista, dramaturgo, poeta, ensaísta, tradutor e crítico literário, Hecker Filho ficou conhecido na cena cultural porto-alegrense como um intelectual bastante polêmico – inclusive há debates protagonizados por ele na coleção do *Caderno de Sábado*. Nesse sentido, o crítico ocupou, no contexto sulino, a posição de um mediador autorizado e de um analista qualificado dos temas culturais. Depois de ter atuado na imprensa em sua juventude, desistiu da carreira e se dedicou ao ramo imobiliário. Manteve, no entanto, uma relação com aparatos comunicativos de todo o Brasil – sobretudo suplementos culturais –, o que o posiciona como intelectual. No *Caderno de Sábado*, teve sua principal atividade literária e regular entre 1967 e 1980: foi o oitavo colaborador mais frequente do período. Não possuía espaço fixo, mas está na décima posição da lista de autores mais destacados na capa do suplemento. Apesar de a maioria das colaborações de Hecker Filho para o CS terem sido artigos e ensaios sobre lançamentos literários da época, também produziu poemas, crônicas e contos.

6 Nova geração em ascensão

Ainda num ponto inicial de sua carreira, também Antonio Hohlfeldt (1948-) seguiu trilha parecida àquelas dos nomes mais consagrados – Cesar e Vellinho: já presente no suplemento, atuou em órgãos vinculados ao Estado, num momento em que este passava a se ocupar da organização e do fomento de iniciativas culturais. Quando o *Caderno de Sábado* começou a ser editado, era um jovem estudante de Letras e Jornalismo – curso este que abandonou. Com uma atuação jornalística sempre ligada à área cultural, teve, entre 1969 e

1981, presença constante nas edições do encarte – principalmente com artigos e ensaios sobre literatura brasileira; foi o quarto autor em número de textos. Sua atuação acadêmica, iniciada nos anos 1970, é reflexo do período em que o ensino superior já se espalhara inclusive pelo interior do Rio Grande do Sul. A academia, então, se tornou uma tribuna de onde os intelectuais se dirigiam a seus pares por meio de um discurso especializado e legitimado por essa instância da sociedade. Essa mudança é tida como um sinal de amadurecimento da produção literária e intelectual no Brasil (PÉCAUT, 1990). No caso de Hohlfeldt, entretanto, esse caminho não se restringiu ao âmbito universitário como pesquisador e docente: nas décadas seguintes teve atuação política, inclusive ocupando cargos eletivos.

Por meio dessa relação com o suplemento participou da construção da história da literatura brasileira, predominantemente a partir de recortes regionais e por gênero – casos da literatura catarinense e do conto brasileiro. Se para os representantes da geração mais velha a presença no suplemento foi uma consequência de suas atuações anteriores, para o então jovem jornalista e pesquisador em literatura foi o princípio de uma trajetória que, mais tarde, resultaria na ocupação de posições de destaque nos campos jornalístico, político, acadêmico e literário. O suplemento, pois, serviu-lhe para angariar capital simbólico, inclusive pela proximidade com agentes que já tinham uma trajetória semelhante à que ele, depois, viria a desenvolver.

Dentro do grupo aqui analisado, também, é possível já antever uma mudança importante na produção jornalística do período. Já naquele momento começavam a chegar às redações cada vez mais egressos das turmas de jornalistas diplomados pelas universidades, caso de Ney de Araújo Gastal (1951-). Filho do editor do *Caderno de Sábado*, P. F. Gastal, é prova de o quanto as relações pessoais geralmente têm peso na organização do jornalismo – fator importante de transmissão de conhecimentos e de abertura de espaços na redação para a formação por meio da prática. Bacharel na área e, por isso, detentor de capital cultural institucionalizado, imprimia em seu trabalho traços típicos desse novo modelo de fazer jornalístico que já havia duas décadas começava a se instalar no Brasil.

Teve seus primeiros textos publicados no *Caderno de Sábado* em 1971, quando tinha 20 anos. Destoa do grupo aqui analisado não só por ser o mais jovem, mas também pela sua trajetória: além de ter sido repórter e redator, atuou como assessor de imprensa de

importantes órgãos nos anos seguintes e na administração pública. Não aliou a atuação no jornalismo a nenhuma outra carreira mais marcantemente ligada à noção mais tradicional de intelectual, o que não o colocou em posição de destaque como ocorrera com seus pares que ingressaram, antes, na vida acadêmica ou literária. Depois de atuar no CS, exerceu uma atividade de militância em favor de causas ambientais ao ocupar posições em órgãos da área e ao escrever e publicar sobre temas relacionados ao assunto. Atuou, de certa maneira, como intelectual nesse período.

7 Academia e profissionalização da prática intelectual

Representativa da importância dada à academia, no suplemento, é a presença de Guilhermino Cesar e de Francisco Riopardense de Macedo (1921-2007) – ambos professores e pesquisadores vinculados desde 1959 à já estabelecida UFRGS. Para ambos, o suplemento se configurou como lugar para divulgar os resultados de suas investigações, ainda que de forma muito mais próxima do viés jornalístico do que propriamente acadêmico. Os anos 1970 representaram, na academia, um processo de profissionalização – que intensificava o que já vinha acontecendo de forma paulatina desde períodos anteriores. Novamente, a trajetória de Antonio Hohlfeldt é, por isso, divergente daquelas de seus pares mais experientes. Nos anos 1970, fez sua incursão pela academia quando já atuante no CS, com um curso de mestrado paralelo à docência.

Riopardense de Macedo era formado em Engenharia e Urbanismo pela UFRGS, em cuja Faculdade de Arquitetura atuou como professor. Sua participação no *Caderno de Sábado* se deu sobretudo por meio de longas séries de artigos sobre seu campo de expertise publicadas na contracapa do suplemento. Em sua trajetória, sobressaem-se o pertencimento a entidades de congregação de intelectuais e a recepção de algumas honrarias em âmbito internacional. Ele, no entanto, se posicionava, nos anos 1970, como um intelectual já inserido no contexto da profissionalização dessa função: atuava na academia numa época de incremento importante no efetivo das universidades.

Inserido numa lógica mais próxima da ciência que da literatura, o autor possui um capital cultural institucionalizado e um capital simbólico que não lhe dão o mesmo destaque conferido aos escritores e poetas: não é tema de nenhum texto na amostra, nem recebe homenagem em edição especial. Percebe-se, por isso, que o espaço ocupado no suplemento serve como lugar de vazão de sua produção e de circulação dos resultados de seu trabalho

de investigação. O *Caderno de Sábado*, assim, mostra-se como uma publicação mais marcada pela lógica do campo literário e de suas dinâmicas e processos de consagração entre pares produtores. Ainda que pertencente ao grupo mais velho, Riopardense de Macedo já representava um modelo mais recente de intelectual profissionalizado e especialista num determinado campo do conhecimento, ou seja, um perito.

8 Considerações finais

O *Caderno de Sábado* consistiu em um projeto editorial jornalístico capaz de reunir um conjunto de sujeitos que, já nos anos 1970, eram consagrados como organizadores e incentivadores da produção cultural no Rio Grande do Sul. Arregimentou, também, escritores que – intelectuais criativos – mobilizavam capital simbólico para o encarte por meio de suas assinaturas ao mesmo tempo que atraíam a atenção de um público mais diversificado, mas afeito à literatura.

Entre os homens de imprensa, vê-se o cruzamento de duas gerações: daqueles forjados na própria prática da redação e que ainda traziam consigo muito da relação estreita que o jornalismo tivera com a literatura no começo do século XX; e daqueles que, jovens, já traziam consigo o capital cultural institucionalizado – o diploma – que, nos anos 1970, já era considerado meio de acesso à prática profissional nessa área. Ainda, ganham espaço os docentes e pesquisadores que, num contexto universitário já mais estruturado, empreenderam carreira acadêmica de forma mais sistemática e usaram esse espaço do jornal como forma de ampliar o público leitor de sua produção. Finalmente, também estão presentes sujeitos que, diletantes e por seus perfis e formações específicos, atuam como mediadores entre a produção literária e cultural e o público.

É claro que esses papéis e essas funções foram, durante o período aqui analisado, se mesclando e se intercalando, o que mostra o quanto o lugar do intelectual na imprensa é marcado por posições que, voláteis e fluidas, permitem – e ao mesmo tempo exigem – que o indivíduo atue em diferentes frentes. Para o *Caderno de Sábado*, essa confluência de trajetórias distintas serviu, nesses 14 anos, como forma de atrair para si a atenção de um público mais restrito e ilustrado ao mesmo tempo que se posicionava como lugar de formação desse mesmo conjunto de leitores. Ao tomarem essa publicação como púlpito e ao se construírem publicamente como intelectuais, também reforçavam, de forma

concretizada a cada fim de semana, a imagem do *Correio do Povo* como um reduto de sujeitos ilustrados e de destaque na escala social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____; MATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. (orgs.) **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-60.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Unesp, 1997.

BOURIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 30, p. 3-6, nov 1979. Disponível em: < http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654>. Acesso em: 5 fev 2016.

BRUNNER, José Joaquín; FLISFISCH, Angel. **Los intelectuales y las instituciones de la cultura**. Santiago: FLACSO, 1983.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GASTAL, Ney. Uma vida em três amores. In: GASTAL, P. F. **Cadernos de cinema de P. F. Gastal**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996. p. 251-266.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton; SIRENA, Mariana; LINHARES, Bruna. O arquivo no espaço do efêmero: a consolidação do formato suplemento cultural na imprensa do RS em 1967. **Eco-Pós**, n. 16, p. 108-124, 2013.

GRAMSCI, Antonio. Contribuições pra uma história dos intelectuais. In: _____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. p. 1-23.

LIPSET, Seymour Martin. American intellectuals: their politics and status. *Daedalus*, Massachusetts, v. 88, n. 3, p. 460-486, summer 1959. Disponível em: < http://www.jstor.org/stable/20026515?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 20 fev 2016.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

SIRINELLI, Jean-François. Alain e les siens: sociabilité du milieu intellectuel e responsabilité du clerc. **Revue française de science politique**, ano 38, n. 2, p. 272-283, 1988.

_____. As elites culturais. In : RIOUX, Jean-Pierre ; _____. **Para uma história cultural**. Lisboa : Estampa, 1998. p. 259-279.

_____. Le hasard ou la nécessité ? Une histoire en chantier : l'histoire des intellectuels. **Vingtième Siècle : revue d'histoire**, Paris, v. 9, n. 1, p. 97-108, 1986.

_____. Os intelectuais. RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. P. 231-269.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **Editora Globo**: uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: USP; Com-Arte; UFRGS, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.